

# Efeitos de Deslocamento do Desejo na Relação do Obsessivo Com a Histórica: um Ensaio Psicanalítico da Obra “Vestígios de Um Dia”

## Effects of the Desire Displacement in the Interface between the Obsessive and the Hysterical: A Psychoanalytic Essay of Work “The Remains of the Day”

Fabiola Custódio Martins<sup>a</sup>; Lilian Aparecida Ramos Santos<sup>a</sup>; Vinicius de Albuquerque Borges da Silva<sup>a</sup>;  
Lauro Take Tomo Veloso<sup>ab\*</sup>

<sup>a</sup>Faculdade Anhanguera de São José, SP, Brasil

<sup>b</sup>Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação, SP, Brasil

\*E-mail: lauro.veloso@bol.com.br

---

### Resumo

Motivados pela obra cinematográfica “Vestígios de um dia” e a obra literária “Resíduos do dia”, que originou o filme, procedemos a análise das posições subjetivas dos dois principais personagens: Mr. Stevens e Miss Kenton, obsessivo e histérica, respectivamente. Analisou-se também, a dinâmica desejante nesta interrelação. Fundamenta-se nos pressupostos teóricos da psicanálise freudo-laciana, partindo dos parâmetros da pesquisa bibliográfica e aplicada a um estudo de caso. O problema desta pesquisa se constituiu da observação, no senso comum, de que seres que a principio parecem “se completar” empreendem grandes embates e revelam grandes diferenças subjetivas. Formulou-se a hipótese de que na relação entre um obsessivo e uma histérica há uma dinâmica que envolve falta e desejo e que, no caso do obsessivo, seu movimento é o de escamotear a ambos, enquanto que no caso da histérica, seu movimento subjetivo foi de demover o obsessivo da sua condição. Nossa conclusão ratifica a hipótese apresentada, acrescida da percepção de que o laço, na relação conjugal, pareceu ser mais viável a partir da aceitação da sublime diferença que marca os diferentes sujeitos em suas posições subjetivas.

**Palavras-chave:** Obsessão. Histeria. Desejo. Falta. Posição Subjetiva.

### Abstract

*Motivated by the cinematographic and the literary works “The Remains of the Day”, we analyzed the subjective positions of the two main characters: Mr. Stevens and Miss Kenton, obsessive and hysterical, respectively. We also analyzed the desiring dynamic in this interrelationship. The study was based on the theoretical principles of Freudian-Lacanian psychoanalysis, starting from parameters of the literature research and applied to a case study. The problem of this research consisted of observation, in common sense, which, at first, seems “complete” undertake great struggles and shows many subjective differences. The hypothesis formulated was that in the relationship between an obsessive and a hysterical, there is a dynamic that involves lack and desire, in the case of obsessive, his movements consists to conceal them both, and in the case of hysterical, her subjective movements consist on demote it of this condition. Our conclusion confirms the hypothesis, along with the perception that the bond, in a conjugal relationship, seemed to be more viable from the sublime acceptance of difference that marks the subjects in their subjective positions.*

**Keywords:** Obsession. Hysteria. Desire. Lack. Subjective Position.

---

### 1 Introdução

O desenvolvimento da disciplina de Processos Psicológicos Básicos II, do curso de Psicologia da Faculdade Anhanguera de São José dos Campos, motivou alunos e o professor a empreender esta pesquisa, em razão de seminários analíticos sobre filmes e livros, baseando-se inicialmente no filme “Vestígios de um Dia” e posteriormente na obra literária “Os Resíduos do Dia” do autor Kazuo Ishiguro, que levou à constituição do filme.

Este trabalho propõe demonstrar o funcionamento de dois tipos clínicos conseguintes da neurose: a histeria e a obsessão, dessa forma apresenta-se o problema desta pesquisa: sob um olhar exploratório, do próprio senso comum, admirar-se-á que dois personagens que parecem “se completar” afetivamente,

surpreendem ao empreender grandes embates, tal fato, impeliu-nos a formular que o laço constitutivo do afeto parece mais próximo da aceitação da sublime diferença entre as pessoas do que aquilo que as tornaria igual ou “as completaria” pela semelhança (o mito do andrógino<sup>1</sup>). Levantou-se a hipótese de que no relacionamento de um obsessivo com uma histérica, aquele dispense esforço que visa escamotear a falta<sup>2</sup> e o desejo mobilizado pelo sujeito na posição histérica.

A relevância deste estudo reside no fato de que se tratará de duas estruturas clínicas em psicanálise que são as mais incidentes na população mundial e poderá contribuir para as discussões contemporâneas a respeito da constituição dos laços afetivos.

---

1 Esse mito é descrito em “O banquete” de Platão, supunha-se a existência de um ser “completo” que era na verdade a união de dois seres, diante de atos de insubordinação, Zeus castiga-os separando ao meio, assim a sina destes seres é a de procurar a sua metade perdida.

2 Este estudo discute a falta na perspectiva psicanalítica, portanto, ela é entendida como um evento constitutivo de todo sujeito, ou seja, de maneira peculiar todos os sujeitos tentam lidar com a falta que os constituiu, essa falta relaciona-se com o complexo de castração, descrito por Freud.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar o relacionamento entre o obsessivo em seu intenso mergulho no trabalho, a constante servidão a um mestre, obliterando assim a falta. A análise apontará para o imperativo do dever em detrimento da paixão; e a histérica, em seu ímpeto constante de exacerbar a falta para revelar um desejo oculto. Apresentar-se-á fatos essenciais desta obra literária que demonstram como a neurose, enquanto psicopatologia, pode interferir negativamente na vida cotidiana de um indivíduo, levando-o a desenvolver uma desordem mental, interferindo no pensamento racional e na capacidade funcional do mesmo.

Pretende-se também, buscar compreender (desenredar) e analisar dois sujeitos, em suas respectivas posições subjetivas, que poderiam ser bem-sucedidos em suas relações afetivas, mas que em decorrência de suas psicopatologias (seus tipos clínicos) interpelaram suas vivências emocionais, subjugando seus reais sentimentos.

## 2 Desenvolvimento

### 2.1 Metodologia

A pesquisa realizada neste trabalho é bibliográfica, utilizando informações literárias sobre o assunto. Consideramos como um dos procedimentos técnicos o levantamento bibliográfico que, segundo Marconi e Lakatos (2012), fundamenta-se em fontes secundárias e primárias abrangendo toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, artigos científicos, etc.

Utilizaremos o estudo de caso para descrever e analisar a relação entre o obsessivo pela hipervalorização do trabalho e a histérica exacerbando a falta constitutiva da grande maioria dos sujeitos. A base teórica e analítica desta pesquisa é a psicanálise freudo-lacianiana.

### 2.2 A obra literária

Sinopse: Em 1958, um mordomo-chefe inglês, chamado James Stevens, inicia uma longa viagem para reencontrar uma antiga governanta, Miss Kenton com quem trabalhara em uma famosa mansão em Darlington Hall. Stevens sacrificara sua vida pessoal por vários anos para ter alto desempenho profissional. Durante a viagem, ele acredita que talvez Miss Kenton possa ser persuadida a retomar a sua antiga posição, como governanta, voltando a trabalhar junto dele em Darlington Hall.

A trama retrata uma história de amor não concretizada entre o mordomo e a governanta, e o fiel compromisso do mordomo servir seu patrão.

Stevens, apesar da total submissão a seu patrão, goza de certo prestígio social, em relação aos servos, os quais ele coordena com grande rigidez e sem nenhuma expressão de afeto, até contratar Miss Kenton como governanta, para compor o quadro de serviços.

Miss Kenton, por sua vez, pelo tempo que trabalhou com Stevens, demonstrou ter princípios opostos, ela usa de sua feminilidade para chamar a atenção do sério e rígido mordomo.

Com o passar do tempo, Miss Kenton vai conhecendo os segredos de Stevens, fazendo disso uma poderosa arma para tentar seduzi-lo. Ele, em contra partida, acaba sempre sufocando seus sentimentos, apesar de sentir-se cada vez mais seduzido por ela.

A paixão silenciosa de Miss Kenton e a repressão de Stevens diante do amor conduzem com maestria os desejos insatisfeitos desses dois personagens, onde ambos possuem em comum uma vida repleta de frustrações, as quais, os conduzem a um futuro repleto de insatisfações. Por fim, Miss Kenton, sem obter sucesso em relação ao mordomo, acaba se casando, sem motivação amorosa, com outro homem, indo morar em outra cidade. Enquanto Stevens seguiu sua vida servindo aos outros, não conseguindo assim, servir a si próprio, reprimindo seus sentimentos, se fazendo incapaz de amar e se fazer amar.

#### 2.2.1 Posição histérica

Conforme Zimerman (1999), a neurose estudada psicanaliticamente por Freud, foi dividida em três categorias psicopatológicas, sendo elas: 1) Neuroses atuais; 2) Neuroses transferenciais; 3) Neuroses narcisistas.

Neste relato de pesquisa, discutiremos e explanaremos sobre as neuroses transferenciais, também denominadas como psiconeuroses de defesa, as quais estão associadas as histerias, fobias e as obsessões.

Na perspectiva psicanalítica, discrimina-se de uma forma genérica cinco tipos de estruturas neuróticas: obsessivo-compulsiva, histeria, fobia, angústia e depressão. E conforme foi proposto, focaremos nas estruturas neuróticas sendo elas a histeria e a obsessivo-compulsiva.

Segundo Zimerman (1999), “histeria” (de “histeros” que em grego, quer dizer “útero”), é o campo mais amplo da psicanálise e é também o mais próximo da normalidade convencional da pessoa, mesmo que esta demonstre claramente o emprego de repressões.

No viés psicanalítico, Zimerman (1999) menciona a subdivisão de Zetzel que propõe alguns subtipos de pacientes histéricas, as quais são as “verdadeiras” ou “boas” histéricas, que conseguem casar, ter filhos, ter um bom desempenho profissional e que se beneficiam com a psicanálise. As “verdadeiras”, mas com casamentos complicados, geralmente com natureza sadomasoquística, que não conseguem manter-se por muito tempo em um satisfatório compromisso com a análise. E há também as “pseudo-histéricas”, as quais estão presentes em personalidades primitivas, sendo que a sua extrema instabilidade emocional justifica a antiga denominação “psicose-histérica”.

Zimerman (1999) explica que o termo “histrião”, na Roma antiga, designava atores para representar farsas grosseiras,

assim sendo, esta palavra referindo-se as histerias, ilustra aquelas pessoas que demonstram ser algo que na realidade não são, elas “representam ser o que de fato não são, fingem, são falsas e teatrais, inclusive, são impostores na sexualidade” (ZIMERMAN, 1999, p.209). Assim, demonstrando através de sua aparência, ser um sujeito hiperfeminino, ou no caso dos homens, hipermasculinos.

Conforme Zimmerman (1999) cabe acrescentar três aspectos. O primeiro é que a compreensão dinâmica de cada autor pode variar em relação à etiologia da histeria, alguns deles, priorizam exclusivamente o polo fático, edípico, e outros psicanalistas valorizam o polo oral, narcísico. O segundo aspecto indica que as histerias se modificam conforme o contexto sociocultural que atua em uma determinada época. E o terceiro aspecto consiste no fato que a histeria é tão plástica que, de certa forma, está presente em todas as psicopatologias, onde a compreensão dos psicanalistas deixou de ser unicamente psicodinâmica dos conflitos sexuais reprimidos, mas também se associou à expressão de problemas relacionais e comunicacionais.

No princípio da evolução do conceito sobre a histeria, Freud, influenciado pelo grande mestre Charcot, devido à suas práticas de hipnose com pacientes histéricas, prosseguiu com a investigação e prática clínica com pacientes histéricas. Nessa mesma época, a histeria era considerada, para a medicina, uma doença degenerativa consequente da sífilis, que depois da investigação de Freud, deixou a comunidade médica chocada com tais descobertas.

A partir de então, Freud traz aportes teóricos e técnicos sobre a histeria, sendo que ele sempre valorizou a sexualidade reprimida, girando em torno da conflitiva edípica, concebendo a feminilidade, esta sendo basicamente governada por um acentuado narcisismo (ZIMERMAN, 1999).

Para Freud (1931), a fase pré-edípica da mulher tem grande relevância, pois é neste período que todas as repressões e fixações podem contribuir para o aparecimento das neuroses. Uma de suas percepções é que quando havia um elo intenso com o pai, notou-se que havia anteriormente uma fase de ligação com a mãe tão intensa e apaixonada que relacionar-se-ia com a origem da histeria, pode-se supor que o medo de ser “devorado” pela mãe (descrito na psicanálise como ansiedade de engolfamento) causa uma recusa da parte da criança em relação à mãe, por consequência da educação e cuidado corporal. E o tempo de duração deste vínculo com a mãe, que em muitos casos vai entre os quatro e cinco anos, pode cobrir a maior parte do florescimento sexual, sendo necessário notar que muitas mulheres detêm-se nessa original ligação com a mãe e jamais se volta realmente para o homem.

As discussões de Freud (1931) demonstram que a mulher admite o fato de sua castração, porém se revolta com esse estado, com sua inferioridade perante o homem, assim,

podem se constituir de três maneiras diferentes, a primeira é se afastando de sua sexualidade, ou seja, levando a cessação da sua vida sexual, a segunda é se apegar à masculinidade ameaçada e assim teimar com a acentuação da masculinidade e por último a configuração definitiva normal, tomando o pai por objeto e alcançando a forma feminina no complexo de Édipo. Portanto o complexo de Édipo tem como resultado final um longo período de desenvolvimento, sendo criado pela influência da castração. Nesta fase, nota-se que muitos fenômenos da vida sexual feminina que antes não eram compreendidos são explicados a partir desta, uma vez que elas escolhem os maridos conforme o modelo do pai e repetem a má relação com a mãe, herdando a relação com a mãe, com visível regressão.

Joel Dor (1991) discute que o objeto do desejo edípico é o falo. E para Almeida (2010, p.40), “falo é o significante da incompletude do ser humano e ao mesmo tempo do preenchimento do vazio que ela produz”. Ou seja, para a histérica, é aquilo que ela é injustamente privada. A histérica só interroga seu desejo juntamente ao Outro que ela supõe saber as respostas para a origem de seus enigmas e do processo do seu desejo.

A histérica, conforme Alonso e Fuks (2004), tem autoplaticidade, se manifestando através de cegueiras, paralisias, anestésias, amenorrias, anorexias, cefaleia ou no intensificado de sua gestualidade, onde sua possibilidade camaleônica a transforma o tempo todo. A busca pela compreensão da posição histérica nos faz margear entre o corpo e a psique, entre o indivíduo e o entorno, entre o singular e os discursos culturais.

A histérica enquanto sujeito, se sente atraída pelo Outro, o Outro que para Lacan, conforme Barreto (2011) é a referência simbólica, a estrutura da linguagem e a cadeia significante que funda o que representa o mundo para o sujeito; a histérica reconhece-o como o Outro, mas em seguida deseja destruí-lo por um movimento próprio desta estrutura.

Para Barreto (2011), a histeria pode ser definida como uma fuga da vacilação pela exacerbação da falta, a vacilação é a dúvida que é um traço que constitui todo neurótico, foge da vacilação toda vez que uma situação suscita dúvida e tem por consequência a angústia.

A histérica no papel de objeto de desejo se apresenta sedutora, mas ao se tornar o objeto de desejo do Outro, recua, se retraindo quando o Outro se aproxima.

Na concepção da histérica, ela tem o desejo do desejo insatisfeito, ou seja, “satisfazer o desejo é matar o desejo” (BARRETO, 2011, p. 525). Para a histérica, não tem que haver gozo<sup>3</sup>, ela quer permanecer somente com desejo.

Segundo Teixeira (2010), a dinâmica do desejo do Outro da histérica é como algo atrás de um véu, ou seja, algo velado, escondido, sem que esse possa ser localizado, na forma de um

3 O gozo, na leitura psicanalítica, especificamente lacaniana, tem relação com algo que imputa ao sujeito um prazer e sofrimento concomitante, é uma condição de um “curto circuito psíquico”, o sujeito se vê frente a uma energia primitiva que escapou aos reguladores psíquicos.

desejo rejeitado, oferecendo-se, mas sem deixar alcançar. A histórica provoca o desejo do Outro mediante uma incógnita de seu próprio desejo, seu desejo visa o desejo do Outro, podendo ser este como um estado de eterna insatisfação.

A máxima da histórica é o fazer desejar, é onde se encontra a impossibilidade de um gozo em plenitude, não há gozo. “Sucumbir ao gozo traria, aos olhos do sujeito histórico, o risco de seu ser” (CASTRO, 2012, p.2).

Assim, em seu discurso a histórica elege um mestre e lhe incumbe o seu desejo, Joel Dor (1991, p. 70) reitera a observação de Lacan que “a histórica tem a necessidade de um Senhor sobre o qual possa reinar”, é o desejo sobre um saber, e lhe faz acreditar que somente ele pode produzir este saber para suprir o desejo da histórica, mas aí reside um led engano, pois, o desejo da histórica está na impossibilidade.

A histeria está presente em todas as psicopatologias, porém, o termo deve estar restrito para os quadros sintomatológicos e caracterológicos que obedecem a uma estruturação própria e conservam uma série de pontos em comum.

### 2.2.2 Posição obsessiva

O termo caráter obsessivo é empregado a um sujeito que além de causar sofrimento aos demais que o cercam, acaba ocasionando prejuízo a si próprio. Muitas vezes mutila suas capacidades latentes e reais, deixando prevalecer sua egossintonia, tendo como escudo suas racionalizações muito bem engendradas. A egossintonia, conforme o dicionário de psicanálise de Laplanche (2001), baseado em alguns escritos de Freud, como por exemplo “‘Psychoanalyse’ und ‘Libidotheorie’” de 1923 e “Zur Einführung des Narzissmus” de 1914, explicita a expressão “conforme ao ego” uma noção de ego como uma totalidade e ideal, ou seja, há uma sintonia entre o ego e o sintoma que faz com que o sujeito não perceba que sua ação ou fala estejam afetando seu relacionamento com o mundo exterior.

Zimerman (1999) cita o termo estereótipo em relação ao obsessivo, ele explicita que esse estereótipo designará atitudes aparentemente normais, onde o sujeito obsessivo executa em seu cotidiano, porém, se tais atitudes forem observadas atentamente, será comprovado que este sujeito executa os seus papéis na família, na sociedade e em seu trabalho, de uma forma mecânica, sem haver modificações, apenas cumprindo papéis fixos e estereotipados, papéis estes, que lhe foram designados desde a sua infância por seus pais e educadores, mutilando assim sua personalidade.

O sujeito neurótico sempre conserva uma razoável integração do *self*, ou seja, de si, uma boa capacidade de juízo crítico e de adaptação à realidade.

A neurose obsessivo-compulsiva surge em outras estruturas da personalidade, no que diz respeito à forma e ao grau como se organizam os mecanismos defensivos do ego diante de fortes ansiedades adjacentes.

Segundo Zimerman (1999), mesmo a obsessividade sendo um elemento comum em diferentes pessoas, é imprescindível

que se faça uma indispensável discriminação entre os seguintes estados: 1) Traços obsessivos em uma pessoa normal, ou como traços acompanhantes de uma neurose mista, uma psicose, perversão, etc. 2) Caráter marcadamente obsessivo. 3) Neurose obsessivo-compulsiva. Sendo que estas duas últimas categorias se diferenciam pelo fato de que uma caracterologia obsessiva implica na presença permanente e predominante dos conhecidos traços de meticulosidade, controle, dúvida, intolerância, etc., sem que isso altere a harmonia do indivíduo ou que o faça sofrer exageradamente. Uma pessoa que possui um caráter obsessivo, desde que não seja excessivo e tenha traços neuróticos, consegue reunir aspectos sadios de uma necessária disciplina, método, respeito, ordem ou ética.

Ao contrário da pessoa que é portadora da neurose obsessiva, quando este transtorno causa sofrimento a si próprio e aos demais, prejudicando sua convivência na vida familiar e social, os sintomas obsessivos compulsivos podem atingir um alto e total grau de incapacitação do indivíduo, transformando-se em uma gravíssima neurose, podendo assemelhar-se a uma psicose.

O termo “obsessão” refere-se aos pensamentos que se assemelham a corpos estranhos, invadindo e atormentando a mente do indivíduo, enquanto o termo “compulsão” determina os atos motores que o neurótico executa não impedindo a pressão de tais pensamentos.

O diagnóstico de obsessivo não é definido apenas por uma única característica, ao modo que a mesma pode manifestar-se de formas opostas. Sendo assim, um obsessivo pode ser aquele que predomine em seu caráter uma tendência à passividade, tomando inúmeros cuidados antes de tomar uma iniciativa, deixando-o subjugar, como também os obsessivos que mesmo sendo pessoas sérias, bem-sucedidas e bem-intencionadas, prevalece um caráter agressivo, que ao se tornarem líderes, possuem um perfil intolerante a erros e limitações dos demais, adotando uma postura despótica e tirânica.

A posição do obsessivo em relação ao desejo é que para ele “o objeto de desejo é imaginariamente sustentado pela proibição do Outro” (BARRETO, 2011 p.525). Sendo este o sofrimento do obsessivo, onde o desejo só desaparece quando o objeto se entrega a ele. Vale lembrar que “na vida do neurótico, o desejo não aparecerá senão por vias de representação, de transferência, quase sempre não percebidos, ou identificados” (ALMEIDA, 2010, p.35), ou seja, o sujeito obsessivo transfere para um sujeito uma representação que irá simbolizar à ele o seu desejo, de modo que este sujeito obsessivo não irá perceber ou identificar.

Segundo Barreto (2011), o sujeito da obsessão quer transformar o seu desejo em gozo, reduzindo o sujeito à condição de objeto de seu gozo. De modo que este objeto será uma via para o seu desejo ser transformado em gozo, ou seja, quando dizemos “objeto de seu gozo”, referimo-nos àquele objeto que fará com que o sujeito obsessivo alcance sua plenitude (temporária).

O obsessivo nunca vai querer ceder o objeto, a partir de

que se o Outro o quer é por que esse objeto é valioso, sendo assim, o obsessivo prefere guardar para si, construindo uma fortaleza para não ceder o objeto. Tomando a nutrição como exemplo, é a criança que se vê como um objeto que pode satisfazer o Outro com uma troca de bens que, neste caso, está relacionada ao estágio anal, portanto, é o ato de doar ou não o objeto que a mãe demanda, sendo este, as vezes, segundo Melman (1987 *apud* CASTRO, 2007, p.67-77). O ceder deste objeto relaciona-se com o erotismo anal, fator importante na estrutura obsessiva. O ceder em relação à mãe como objeto de amor faz com que a interdição da mesma seja aceita, para que possa mover o desejo na direção de outros objetos, não se fixando. Por esta razão, o obsessivo não quer dar o objeto, já que o mesmo acredita ser o objeto do gozo supremo, o que causa uma erotização da zona anal e assim ele guarda o que há de mais precioso. Portanto, se o objeto não é cedido, a cadeia não anda. Fixando e girando sempre em torno de si mesmo.

O neurótico obsessivo pode negar que não há como recuperar o objeto e que não existe outra escolha, simplesmente ele quer fazer a melhor escolha. Mas o incomodo da castração provoca angústia, mal-estar no sentido freudiano<sup>4</sup>, e assim lhe é imposta essa divisão, cedendo o objeto. É justamente o não ceder que está em jogo na dúvida e na incerteza, e não o conflito, amor e ódio, uma vez que para ele existe a verdade dada pelo Outro não barrado desde sempre e, desse modo, não teria que se confrontar com o desejo, pois a verdade o dispensaria de desejar. O obsessivo teme perder o objeto e por esse motivo quer saber sobre ele. Encontra-se, assim, na visão do saber, amando a verdade, como se ela pudesse se reduzir ao campo do saber e não no sentido do desejo.

É importante destacar que o obsessivo, como característica própria da neurose obsessivo-compulsiva, pode se achar em posição de ter que produzir alguma solução que lhe dê significado. A solução que o obsessivo se acha em posição de ter que produzir, que é o que dispensaria o sujeito de desejar, estaria no saber. O obsessivo é preso a ele, está o tempo todo a procura e produzindo o saber, fascinado pelo mesmo. Ele defende a meia-verdade, contanto que aquilo que se refira à verdade não apareça.

Em relação ao amor, por carecer de uma solução significativa que seja plena, o sujeito obsessivo quase sempre se lamenta por persistir em sua escolha, que, diga-se de passagem, uma escolha infeliz, quando se questiona e passa a entender o resultado de sua escolha caprichosa em relação à parceira (o). Segundo Teixeira (2010), é possível dizer que o sujeito neurótico consiste em negar essa virtualidade enigmática de sua escolha amorosa, no qual o sujeito obsessivo concentra-se em apagar esta escolha duvidosa, acreditando poder inscrevê-la na ordem de uma necessidade que seja dedutível, tecendo diversos sistemas de explicações com base de suas experiências amorosas. Isto será explicado com mais detalhes

na análise da relação amorosa de um sujeito obsessivo com um sujeito histérico, com base no romance de Kazuo Ishiguro “Os Resíduos do Dia” e no filme “Vestígios de um Dia”.

## 2.3 A análise com base nos personagens de “Os Resíduos do Dia”

### 2.3.1 Análise da histérica

Cenário Analítico 1: Mr. Stevens (mordomo chefe), ao dialogar por meio de carta com Miss Kenton (governanta), já casada e morando distante de Stevens, choca-se ao reler trechos da carta enviada pela governanta Miss Kenton quando ela começa a frase da seguinte maneira: “Embora eu não faça ideia de como preencher de forma útil a minha vida [...]”.

Análise: Nota-se que o sujeito, na posição histérica, está exacerbando a falta conforme Barreto (2011) discutira em relação à exacerbação pela falta, ela faz para o obsessivo e isto fica mais claro quando ela diz que o resto da sua vida se estende como um vazio à sua frente. Mr. Stevens, que sempre manteve “tudo” sob seu controle tem de se deparar com um discurso, histérico, que enaltece a falta, do sujeito histérico e de Mr. Stevens que tem sua impotência desvelada pela queixa histérica. O que ressoa em Stevens? Por que após um longo tempo Miss Kenton não está feliz? Seria essa condição responsabilidade, em parte, sua? Perceba que a exacerbação da falta histérica também desvela a falta constitutiva do outro, no caso, do obsessivo.

Cenário Analítico 2: E com essa possibilidade da viagem, para tentar persuadir Miss Kenton a retornar para o trabalho como governanta, ainda mais motivada pela carta queixosa, Mr. Stevens passa a relembrar vários fatos que ocorreram quando aquela trabalhava na casa, como uma vez que ela entrou em sua sala trazendo consigo um grande vaso de flores acompanhado de um sorriso, dizendo que aquelas flores poderiam levar um pouco de alegria à sala com a suposta intenção de que ela poderia alegrar a vida dele.

Análise: No filme, as flores ofenderam Mr. Stevens, ele se mostrou alterado com a atitude, pois, em nossa análise, ratificam a falta, que ele tenta obturar, qual seja, a de que os ambientes podem ser alegres e vivos, para ele certamente um ambiente formal e “frio” era suficiente. O obsessivo não tolera distrações e a histérica reconhece-o como o Outro, mas em seguida deseja destruí-lo por um movimento próprio desta estrutura, entenda essa destruição como sendo a do cenário que o obsessivo constrói para conduzir-se pelo mundo.

Cenário Analítico 3: O antigo patrão da mansão, Lord Darlington, pede para que duas empregadas de origem judaica sejam demitidas, o mordomo avisa a governanta, que então se sente indignada com a situação de ter que demitir as duas meninas e ameaça se demitir também. Para o mordomo não cabia a eles (empregados) entenderem de coisas relativas ao judaísmo e o preconceito a eles voltado, ao passo que o patrão

4 Remete-se ao “Mal-estar na Civilização” escrito por Freud.

está bem mais posicionado a fazê-lo. Após esse ocorrido, a governanta tornou-se fria e bastante rude com o mordomo, mesmo na presença de outros empregados.

Análise: Percebemos que a histórica sempre ameaça, porém é um blefe, a histórica se coloca como objeto de desejo e depois recua, se furta, e para o obsessivo, quanto a decisão do patrão de despedir as moças é que para eles não cabe saber e desejar e sim cabe o véu do mestre, é de certa maneira o conforto da posição de um não querer saber, ou dito de maneira mais grosseira, a ignorância.

Cenário Analítico 4: Nos poucos momentos que Mr. Stevens tinha uma folga, ele aproveitava para ler, e em um desses momentos Miss Kenton adentra sua sala e pede a ele que a deixe ver o que ele está lendo, e qual é o tipo do livro, e Mr. Stevens pede que ela respeite sua privacidade, mas Miss Kenton continua a insistir: “[...] deixe-me ver o seu livro”.

Neste momento, ela estende sua mão e singelamente começa a soltar seus dedos, Mr. Stevens desvia o olhar, devido à aproximação de seus corpos, e Miss Kenton continua a soltar o livro dedo após dedo, seduzindo, e depois de um momento que parecia eterno para Mr. Stevens, ela finalmente diz que não é nada escandaloso ler uma história de amor “sentimental”. Stevens percebe que ela tinha ultrapassado todos os limites e pede com muita firmeza que ela saísse colocando fim ao ocorrido.

Análise: A histórica se apresenta sedutora, provocadora e o obsessivo acha que é completo é por isso que ele se constrange com o assédio, se perturba, pois não sabe lidar com seus sentimentos e com a situação; já Miss Kenton caso o mordomo aceitasse o assédio, possivelmente se furtaria e não daria continuidade ao momento, pois, conforme discutimos, na posição histórica o sujeito prefere o “jogo” da sedução e pretere o gozo da satisfação.

Cenário Analítico 5: Quando se reencontram, o mordomo a questiona sobre sua carta, e se ela estaria triste repensando a sua vida. Miss Kenton fala para Mr. Stevens que não é para ele levar a sério o que ela diz, seriam apenas bobagens. Mr. Stevens ao reencontrá-la notou que ela mantinha a mesma postura ereta de sempre, além de seu velho hábito de sustentar a cabeça de um jeito que beirava o desafio, o desejo histórico. Em um de seus diálogos, Miss Kenton confessa que a aceitação do pedido de casamento era para simplesmente amolar ele, porém ao chegar ao seu novo lar se viu casada e com um medo de ter cometido um erro terrível, porém com o tempo aprendeu a amar seu marido.

Análise: Logo no reencontro Miss Kenton continua com seus jogos e sua dissimulação. Mas confessa que pensa na vida que poderia ter levado com ele, provocando, o discurso da histórica novamente é marcado pela impossibilidade do gozo, se faz desejar, mas não há gozo, pois sucumbir ao gozo é para o sujeito histórico, o risco da dissolução do seu ser

(Castro, 2012).

### 2.3.2 Análise do obsessivo

Cenário Analítico 1: No início da trama, o patrão de Mr. Stevens, Mr. Farraday, oferece ao mordomo um tempo de férias e o carro para ele viajar. A princípio, Mr. Stevens recusa a proposta. Porém, com a insistência de seu patrão, ele aceita a viagem com o propósito profissional de encontrar uma antiga empregada.

Mr. Stevens passou a vida toda servindo a um patrão/mestre. Tendo como ambição, servir um cavalheiro, que foi o que ele fez. Interligado a isto, está o prestígio profissional que, para Mr. Stevens, repousava no valor moral do patrão.

“[...] E permita que eu coloque o seguinte: ‘dignidade’ tem a ver essencialmente com a capacidade de um mordomo não abandonar o ser profissional que ele habita”. Logo em seguida ele completa: “Mordomos menores abandonam seus seres profissionais em prol da vida pessoal à menor oportunidade”<sup>5</sup>.

Análise: É possível notar logo neste primeiro cenário analítico, baseado nos acontecimentos da obra, a servidão obsessiva do mordomo Mr. Stevens para com o seu patrão Mr. Farraday. Que ao negar a proposta de tirar férias, Mr. Stevens oblitera a falta, e ao aceita-la logo mais, este escamoteia a falta ao pensar na viagem com um intuito profissional. Nota-se que inconscientemente o desejo está movendo-o à viagem.

Percebemos que o prestígio profissional para Mr. Stevens encontra-se no valor moral de seu patrão, claramente, seu patrão é para ele seu grande Outro. Lembrando-nos que a apreensão do sujeito obsessivo para com o Outro é a de servi-lo, para que se tenha o seu desejo transformado em gozo. Ou seja, a satisfação do seu patrão, cuja condição é a de objeto, é o seu gozo.

Já que estamos falando de objeto de desejo, vale destacar novamente que, conforme Miranda e Castro (2007), o obsessivo não cede ao desejo, não cede o objeto. E que no caso do mordomo, ele é tão dedicado em seu trabalho, em prol da satisfação de seu patrão e por consequência de seu gozo, que acabou tornando-se por conta de sua obsessão, responsável pela casa, mas irresponsável pela vida.

Cenário Analítico 2: Uma das cenas que mais nos chamou atenção na obra foi a da morte do pai de Mr. Stevens.

Seu pai trabalhava na mesma mansão que ele, este que já havia trabalhado para muitos cavalheiros, e era para Mr. Stevens uma grande referência do que é ser um mordomo “digno”. No entanto, já estava velho e debilitado para certas atividades. Debilitação mostrada quando seu pai leva um tombo enquanto carregava uma bandeja com chá destinada ao então patrão da época, Lord Darlington. Mr. Stevens, chefe de todos os empregados, não tolerou tal acidente e determinou que seu pai fizesse tarefas mais fáceis, ou atividades que não afetassem diretamente seu patrão.

5 Recorte do livro “Os Resíduos do Dia”.

Num dia muito importante para a mansão, no qual receberia grandes nomes, pessoas políticas e influentes de muitos países, o pai de Mr. Stevens morre. E mesmo com este ocorrido, Mr. Stevens decide continuar a trabalhar e servir ao seu patrão e convidados. Só após o evento ter terminado naquele dia, Mr. Stevens sentiu-se “livre” para ir ver seu pai em seu leito.

Análise: Com base neste cenário, tocamos no assunto que diz respeito à vida pessoal, aos sentimentos e aos desejos. Destacamos nestes trechos a obsessividade do mordomo em relação ao seu trabalho e em servir seu patrão.

Ao trecho que diz respeito à morte de seu pai, Mr. Stevens perante a sua neurose obsessiva em ter o seu desejo transformado em gozo, escamoteia seus sentimentos e continua em seu dever de servir seu patrão em prol de manter o ser profissional e a “dignidade” que ele acredita ser essencial para um mordomo, ou seja, esta é a certeza que o obsessivo quer ter. Almeida deixa isto bem claro com a seguinte citação: “[...] os traços estruturais presentes no obsessivo e na relação com o desejo e o gozo, relação esta em que a busca obsedante pelo prazer é margeado pela necessidade e pelo dever” (ALMEIDA, 2010, p.51).

Conforme já citamos, o caráter obsessivo é a de um sujeito que mutila suas capacidades latentes e reais, além de causar sofrimento às pessoas que o cercam e a si próprio. O foco e a rudez no trabalho de Mr. Stevens traz destaque a algumas características de um obsessivo, como por exemplo, o controle e a intolerância a erros, onde ele adota características tirânicas. É nítido como todas as suas ações e atitudes são completamente racionalizadas e controladas, e o mais importante diante de todas estas características latentes no personagem Mr. Stevens, neste sujeito neurótico-obsessivo, é o prevalecer de sua egossintonia, tornando-o “cego” ao afeto que seus atos e palavras fazem às pessoas ao seu redor, também chamado de falsa adaptação.

Cenário Analítico 3: “[...] Falo sério, Mr. Stevens, esta sala parece uma sala de prisão. Só falta um catre no canto, e dá pra imaginar condenados passando aqui suas últimas horas [...] Muito obrigado pelo chocolate”. Este é um trecho de uma das reuniões feitas na calada da noite entre Mr. Stevens e a governanta da casa Miss Kenton, onde a maioria dos diálogos diz respeito aos funcionários e aos acontecimentos da mansão.

Análise: Com estes fragmentos de diálogo, falaremos do deslocamento do desejo de Mr. Stevens. Considerando que estas eram reuniões doces camufladas pela desculpa de ser um “encontro profissional”.

A falta de Mr. Stevens, o seu desejo, é o de satisfazer seu patrão. No entanto, ao longo da história, é possível perceber certo deslocamento de seu desejo, indo inconscientemente em direção a Miss Kenton, escamoteado pelo dever profissional, momento este destacado pela sua decisão de fazer a viagem.

O deslocamento de seu desejo se dá conforme Barreto, pelo fato de o obsessivo reduzir o sujeito à condição de objeto, e eis o fator chave para o deslocamento, a histórica, Miss Kenton. “A histórica ocupa a posição de objeto com facilidade [...] nesse aspecto, ela favorece a parceria amorosa com o obsessivo” (BARRETO, 2011, p.525). Este terceiro cenário espelha muito bem isto, pois a partir do momento que ela colabora com ele nas reuniões, ela se torna objeto para ele, considerando o fato destas reuniões terem fins “profissionais”, seu real objetivo, a partir da concepção do mordomo, é a de uma boa administração da mansão, que trará como consequência o gozo de seu desejo, ou seja, a satisfação de seu patrão.

Mr. Stevens não via suas atitudes e palavras afetarem as pessoas ao seu redor de forma negativa, por causa da egossintonia presente no sujeito obsessivo conforme já citado. Em certo momento, Mr. Stevens sente uma certa culpa em relação a isto. “Fico pensando se a senhora está sendo maltratada de alguma forma... Me preocupa faz algum tempo”<sup>6</sup>.

A viagem inteira para Mr. Stevens serviu para reflexão, fazendo-se questionamentos sobre os acontecimentos de sua vida e seus sentimentos. Por mais que ele voltasse para a certeza neurótica e confortante, é possível perceber a importância da clínica para guiar o sujeito aos questionamentos da vida que o tornarão saudável mentalmente e conseqüentemente fisicamente.

Para finalizar, colocaremos um trecho que demonstra, da parte de Mr. Stevens, arrependimento e um questionamento por não amar Miss Kenton. “Afinal, o que se ganha olhando sempre para trás e se culpando pela vida não ter saído exatamente como se desejava?” A enunciação em questão ratifica a posição obsessiva na certeza de que não vale a pena pensar nas razões de ter aberto mão de seu desejo, mais uma vez obtura sua falta com a certeza de que sua egossintonia lhe possibilitará uma existência cunhada no não saber.

### 3 Conclusão

A devoção irrestrita de um obsessivo a um mestre (patrão, no caso da obra analisada), sendo que este incorpore tudo que ele considera nobre e admirável, é um ato de lealdade, inteligência e dignidade na posição obsessiva. Tais gestos corroboram para perpetuação de um ciclo de submissão, alienação e um “não-saber” sobre si; aos olhos do senso comum, a posição obsessiva pode ser admirada, mas no caso de Mr. Stevens, para ter devastado as possibilidades que a vida lhe propunha. Sem dúvida, isto faz com que sua vida pessoal fique em segundo plano, e até seja anulada. Na viagem em busca do reencontro com Miss Kenton, Stevens fez questionamentos sobre sua vida, porém logo volta a sua certeza confortante e neurótica, a viagem teve efeitos transitórios de um saber sobre

6 Fragmento de um diálogo de Mr. Stevens com Miss Kenton

si. É perceptível que na posição obsessiva, esse sujeito vai à linha oposta da ética da psicanálise que é uma ética do desejo, da responsabilidade pelo seu desejo.

Stevens, ao final de sua jornada, se vê esgotado, pois já tinha dado tudo de si para seu patrão. Observou-se que a governanta, Miss Kenton, mesmo outorgando muitos artifícios para atrair o olhar do mordomo, não obteve êxito. Com isso, em uma medida extrema, dispõe uma investida final para chamar sua atenção. Casou-se e mudou-se para outra cidade. Contudo, o mordomo em sua extrema obsessão pelo trabalho e uma frieza emotiva que o mantém focado em sua servidão no intuito de extinguir (obliterar) a falta, a deixa ir, já que o dispêndio de sua energia o conduz a sustentar satisfações substitutivas por meio da servidão a um mestre, encobrando seu desejo, sua paixão.

Por fim, percebemos que a posição histérica tem potencial, próprio da sua estrutura, para deslocar a falta do obsessivo, ou a sua percepção de controle pleno e absoluto que, por fim, mobiliza-o para a busca, o desejo, a procura e o reencontro. Nesta posição, evidenciou-se um nítido sofrimento, pois pareceu-nos que este sujeito estava sempre a clamar por uma resposta desejante, ou seja, desejava o desejo do outro, mas ao mesmo tempo, a literatura científica mostrou-nos que o histérico não toleraria a satisfação do seu desejo, portanto inseria-se num ciclo antagônico.

Este estudo nos revelou que a plena compatibilidade entre os sujeitos parece um ideal inalcançável, contudo, é a partir dos embates subjetivos que as diferenças nos impõem

que podemos buscar “saberes” subjetivos, se diz comumente o “saber sobre si”, numa perspectiva foucaultiana. Portanto, a base dos relacionamentos pareceu-nos fundamentar-se na aceitação da sublime diferença entre os sujeitos.

### Referências

- ALMEIDA, A.M. O desejo no neurótico obsessivo. *Psicol. Rev.*, v.19, n.1, p.33-57, 2010.
- ALONSO, S.L.; FUKS, M.P. *Histeria*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- BARRETO, F.P. O casamento da histérica com o obsessivo. *Psicol. Rev.*, v.17, n.3, p.522-528, 2011.
- CASTRO, J.C.L. *Sujeito, desejo e identidade no discurso da histeria*. In: SIMPÓSIO NACIONAL DISCURSO, IDENTIDADE E SOCIEDADE, 3. Campinas. *Anais...* Campinas, 2012.
- DOR, J. *Estruturas e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Livrarias Taurus-Timbre, 1991.
- FREUD, S. *Sobre a sexualidade feminina*. São Paulo: Schwarcz, 1931.
- LAPLANCHE, J. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MARCONI, M.A.; LACATOS, E.M. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Atlas, 2012.
- MIRANDA E CASTRO, J. A posição obsessiva frente ao saber: pontuações. *Psychê* v.11, n.20, p.67-77, 2007.
- TEIXEIRA, A.M.R. As bodas sintomáticas do obsessivo com a histérica. *Agora*, v.13, n.1, p.51-61, 2010.
- ZIMERMAN, D.E. *Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica*. Porto Alegre: Artmed, 1999.